

DATA DE
RECEPCIÓN:
14/04/2014

DATA DE
ACEPTACIÓN:
04/05/2014

Estudos de literatura brasileira contemporânea

Brasília: Editora Horizonte

Nº 36, 272 pp.

Julho/dezembro de 2010

ISSN: 1518-0158



Geovana Gentili Santos

Universidade da Cidade de São Paulo (UNICID)

Universidade da Franca (UNIFRAN)

geovana@gentili.com.br

141

RECENSIÓN / RESEÑAS / REVIEWS

Refletir a respeito da qualidade estético-literária presente nas obras destinadas ao público leitor mais novo e do exercício da literatura para a infância e juventude tem sido uma atividade cada vez mais frequente no meio acadêmico. Superando a fase da rejeição, na qual a crítica focava-se muito mais no qualificativo «infantil» do que no substantivo «literatura» para pautar seu discurso de resistência e de depreciação ante esse produto artístico, cada vez mais pesquisadores têm empenhado seus esforços no sentido de dar novos passos no caminho dos estudos da literatura infantojuvenil.

É nesse sentido de revisão crítica que surge o volume 36 da revista *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, uma publicação semestral do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, da Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília. Tal iniciativa, que neste número composta por dez trabalhos, abre, no meio das reflexões sobre a literatura para adultos, um espaço para que vozes especializadas salientem o valor estético-literário das produções literárias infantojuvenis.

Gentili Santos, Geovana (2014).

Estudos de literatura brasileira contemporânea, n.º 36 (julho/dezembro de 2010),
Elos. Revista de Literatura Infantil e Juvenil, 1, "Recensões", 141-144. ISSN 2386-7620

Com a concessão deste espaço, a revista *Estudos de literatura brasileira contemporânea* cumpre o seu objetivo de fomentar o debate crítico em torno da literatura contemporânea produzida no Brasil que, em alguns muitos casos, estabelece um diálogo com obras de outros sistemas literários.

Essa configuração dada ao volume está em consonância com o propósito da revista, tal como se lê na “Apresentação”: “este número da revista *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, dedicado a estudos de literatura infantil e juvenil brasileira, representa uma contribuição significativa na tarefa de avaliar o universo da produção literária contemporânea brasileira para crianças e jovens, e de estabelecer um campo teórico adequado para discutir essa produção. Mesmo que a crítica da literatura infantil e juvenil encontre apoio nas teorias e práticas disponíveis para a crítica da literatura em geral, ela tem manifestado uma voz distinta ao procurar caminhos que atendam às categorias do objeto sobre o qual se debruça, teorizando sobre questões que dizem respeito à especificidade do gênero”.

No primeiro artigo, intitulado «Literatura infantil contemporânea: o passado (revestido) bate à porta», Flávia Brocchetto Ramos e Neiva Senaide Petry Panozzo centram-se num processo criativo constante nas obras infantis contemporâneas: o de revisitação da tradição folclórica. Já o estudo «Alice ainda mora aqui: narrativa juvenil contemporânea», de Alice Áurea Penteadó Martha, por meio da análise de duas obras que dialogam com o texto de Lewis Carroll, delinea um traço comum nas composições para os adolescentes e jovens: o debate de questões relacionadas com a construção da identidade.

Passando à criação lírica, no trabalho «Floresta de símbolos: bichos e poesia para criança e adultos inteligentes», Augusto Rodrigues da Silva Junior analisa a presença dos animais e da tradição da fábula na poesia para crianças de Vinícius de Moraes produzidas em conjunto com Manuel Bandeira e de Augusto da Silva Júnior. Por meio dessas poesias, o autor demonstra que a presença desse imaginário fabuloso nas produções contemporâneas assegura a preservação da infância.

Em «O mundo nas mãos do adolescente: entre Apolo e Dionísio, entre o eros e o caos», de Paula Mastroberti, as inconstâncias da fase da adolescência são analisadas por intermédio da personagem Joana Dalva, da série «Poderosa», do escritor Sérgio Klein. O protagonismo feminino é analisado também em «Representação feminina na narrativa infantojuvenil brasileira contemporânea», de Leda Cláudia da Silva. Para traçar um perfil das personagens, a autora vale-se do *corpus* de 53 obras que compõe o Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE/2005 destacando elementos como cor, sexo, posição social etc.



Focando na própria história da produção para crianças, no texto «Literatura infantil brasileira e estudos literários», Marisa Lajolo percorre os caminhos trilhados nos estudos sobre a literatura para os mais novos e destaca os passos mais significativos desse percurso. Em «A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências», Gabriela Luft traça uma tipologia das principais linhas temáticas e de alguns aspectos narrativos empregados na construção das obras juvenis do início do século XXI.

Elvy Ribeiro Pereira, em «De (re)conto e (des)encanto: uma leitura de *Fita verde no cabelo*», demonstra o processo inverso da construção da narrativa de Guimarães Rosa em relação ao conto *Chapeuzinho Vermelho*, com o qual estabelece diálogo intertextual. Já Regina Zilberman, em «Monteiro Lobato e suas fases», estabelece um paralelo entre o Lobato de Jeca Tatú e o Lobato de Narizinho, destacando a relevância do projeto estético proposto pelo escritor para a consolidação da literatura infantojuvenil brasileira na contemporaneidade.

Colocando em cena dois nomes da literatura infantojuvenil contemporânea brasileira e galega, em «Da literatura para a infância à literatura de fronteiras: Agustín Fernández Paes e Lygia Bojunga», Blanca-Ana Roig Rechou analisa o projeto estético-literário de ambos os escritores destacando os aspectos consoantes entre eles. Além desse diálogo de aproximação, a autora propõe uma reflexão sobre a literatura juvenil enquanto uma produção que visa aos mais jovens, sem, entretanto, deixar de dar acenos a um público leitor mais amplo.

Dada à multiplicidade de perspectivas apresentadas, o dossiê oferecido pela revista *Estudos de literatura brasileira contemporânea* evidencia a riqueza da literatura infantojuvenil que, por sua vez, exige uma postura mais flexível por parte da crítica para que haja uma melhor compreensão desse vasto *corpus*. Faz-se necessário, cada vez mais, dispor de diferentes ferramentas teórico-metodológicas para que se tenha uma visão mais límpida e consistente dessa produção.

É nesse sentido que vão as palavras da pesquisadora Maria Zaira Turchi, na “Apresentação”, quando afirma que a literatura infantojuvenil brasileira contemporânea tornou-se um fenômeno cultural mais vasto que exige uma crítica multidisciplinar capaz de incorporar a tradição folclórica e a pós-modernidade, a ilustração e os meios de comunicação de massa, o imaginário coletivo, ou a recepção individual, a identidade e a multiculturalidade, a formação de leitores e a perspectiva do mercado; uma crítica capaz de fazer conexões e de abrir portas para comparações entre literatura.

Estas portas abrem-se – valha a redundância – com trabalhos da natureza dos acolhidos no presente número da revista, pois, os mesmos favorecem uma troca imprescindível para a compreensão do estado da arte. Podemos citar como exemplo, o uso do termo “sistema literário” e “gênero” por parte da crítica brasileira, como se observa nas declarações de Zaira Turchi que expressam um modo de conceber a literatura infantojuvenil desde o plano teórico: “A Literatura infantil e juvenil brasileira, consolidada como gênero e expandindo-se em autores e obras, faz parte do mapa da crítica institucional e ocupa hoje um espaço importante no mercado de livros literários” / “a expansão dos estudos críticos sobre esse sistema literário deve muito à crítica acadêmica, realizada nas universidades, nas diversas linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação”.

À diferença dos estudos no âmbito galego, sobretudo aqueles coordenados pela especialista Blanca-Ana Roig, como é o recente estudo *Educação literária e Literatura Infantil e Juvenil* (Tropelias & Companhia, col. Percursos da Literatura Infantojuvenil, 2013), em que o termo “sistema literário” é entendido sob a óptica de Itamar Even-Zohar (Tel Aviv, 1939); no âmbito brasileiro, este mesmo termo é compreendido e empregado de acordo com concepção defendida por Antonio Candido (Rio de Janeiro, 1918).

Para o sociólogo e crítico literário brasileiro, só se pode falar em *sistema* quando a tríade *escritor – obra – público* se consolida e, por meio deles, se dá a formação de uma continuidade literária. Antes disso, há apenas produções isoladas, denominadas como *manifestações literárias*. Sendo assim, após ser reconhecida como uma categoria específica (ou gênero) dentro da esfera maior denominada “Literatura”, a produção literária infantojuvenil experimentou a expansão de autores, obras, público e a consolidação de uma continuidade literária que, desde Monteiro Lobato, nos permite afirmar que estas produções conformam um sistema.

Sem dúvida alguma da validade desse simpósio de vozes e experiência, a leitura do volume específico sobre a literatura infantojuvenil só tem a contribuir para que novos textos, diálogos e pesquisas surjam na área.

